



A queda de um motociclista da PE iniciou o confronto, provocando a aproximação da tropa de choque. Os manifestantes não recuaram: uma chuva de paus e pedras caiu sobre os soldados que jogavam bombas de gás

Protesto contra reforma deixa cinco feridos

■ Manifestantes enfrentam tropa de choque durante visita de Cardoso ao Centro do Rio

O presidente Fernando Henrique Cardoso enfrentou ontem a primeira manifestação contra as reformas propostas pelo governo. Na segunda viagem oficial ao Rio, Fernando Henrique foi surpreendido por protestos de um grupo de 500 manifestantes, que o esperavam no prédio do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Centro. Após a saída do presidente, manifestantes e uma tropa-de-choque da Polícia do Exército entraram em confronto, transformando a Candelária em praça de guerra por 30 minutos. Os manifestantes protestavam contra a reforma constitucional proposta pelo governo.

Agentes sanitários da Fundação Nacional de Saúde, estudantes, sindicalistas da CUT e militantes de partidos de esquerda — como PT, PC do B e PSTU — se aglomeravam na porta do prédio. “Não, não, não à revisão”, gritavam manifestantes de dois carros de som, emprestados pelos sindicatos dos bancários e dos metalúrgicos. As palavras-de-ordem contra a reforma eram as preferidas, mas o presidente não foi poupado: “Um, dois, três, ACM no xadrez/ e para ficar mais chique/ leva também Fernando Henrique”.

O presidente e sua comitiva chegaram ao Centro Cultural Banco do Brasil às 11h30 sob vaias e xingamentos, para o lançamento do projeto *Acorda Brasil. Está na hora da escola*. Meia hora antes, nem mesmo dona Ruth Cardoso escapara das vaias, em sua chegada. Ignorando os protestos e com um sorriso no rosto, Fernando Henrique acenou para os manifestantes e entrou no CCBB criticando o ato.

“Atraso” — “Esse pessoal perdeu as eleições. Eles estão com o germe do atraso na cabeça e querem ganhar no grito”, disse Fernando Henrique. Sobre o fato de ser o primeiro protesto de vulto que enfrentou desde a posse, o presidente disse: “Essa gente faz parte de um pequeno grupo, que anda por todo o Brasil.”

A saída da comitiva presidencial, às 12h40, ainda em clima de muita tensão, o ministro da Educação, Paulo Renato Souza, chegou a tentar esconder o presidente da visão dos manifestantes, que eram mantidos a distância por um cordão de 120 homens da PM e 30 da tropa de choque da PE. Mais uma vez sorrindo muito, Fernando Henrique recebeu um documento contendo as reivindicações dos agentes sanitários e entrou no carro. A comitiva seguiu pela Rua Visconde de Itaboraí em alta velocidade.

Um grupo com aproximadamente 50 estudantes abandonou imediatamente a manifestação e correu para a esquina da Rua 1º Março com Travessa Tocantins, na tentativa de interceptar o carro de Fernando Henrique. A comitiva presidencial, no entanto, evitou a 1ª

de Março, e seguiu em direção da Praça 15, deixando para trás o início do confronto entre a PE e os estudantes.

O estopim do enfrentamento foi a queda de um motociclista da PE, que tentava impedir o acesso dos manifestantes à travessa. Ao ver o tumulto, os 30 soldados da tropa de choque usaram violência para dispersar os estudantes, atingindo-os com cassetetes. O conflito se espalhou pela Rua 1º de Março, onde os soldados lançaram bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral. Um policial à paisana, do alto do prédio do CCBB, atirou bombas em direção à aglomeração. A Polícia Militar não interveio na confusão. A tensão se espalhou por outras ruas do Centro.

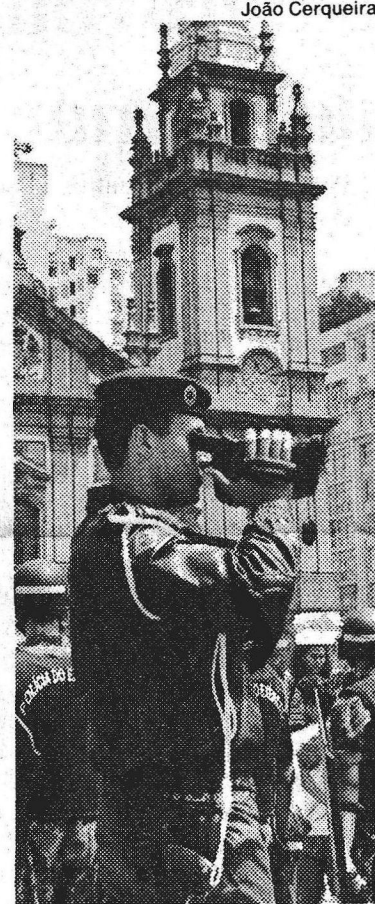
Resposta — Incentivados por um sindicalista que usava o microfone do carro de som, os estudantes e demais manifestantes passaram a responder à violência dos militares com uma chuva de pedras e pedaços de pau. Eles chutaram as bombas de gás lacrimogêneo de volta aos soldados, enquanto do carro de som o sindicalista dizia que os soldados do Exército “não tinham dignidade” e só servem para fazer “bandalheira nas ruas”. Ao ver pessoas feridas, o sindicalista levemente anunciou que elas haviam sido “baleadas”.

O saldo da batalha foram dois sindicalistas detidos e cinco feridos: quatro com estilhaços de bombas de efeito moral e um com uma bala de borracha, que foram levados para o Hospital Souza Aguiar. Os feridos foram os agentes sanitários Marcos Vinicius Pereira Vasconcelos, 24 anos, Marcelo Faria Lins, 25, Dejalson Lopes de Oliveira, 39, o vice-presidente da UNE, Leandro Cruz, 22 anos, e o fotógrafo Michel Filho, do JORNAL DO BRASIL, alvejado no peito por uma bomba de gás lacrimogêneo.

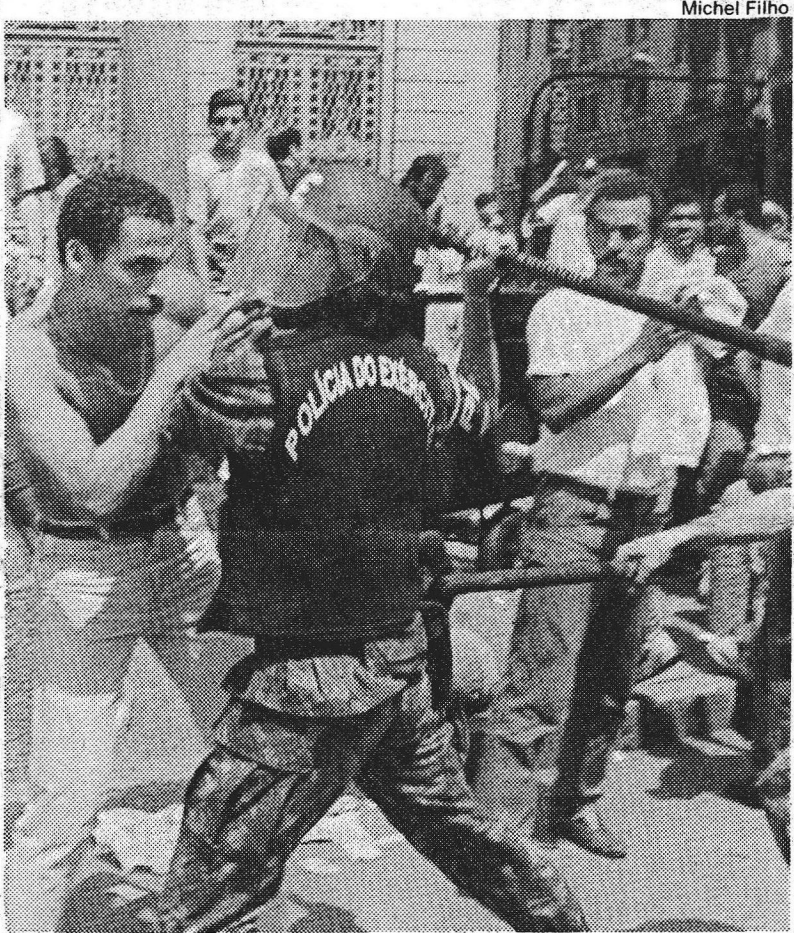
Apesar disso, os manifestantes seguiram em passeata pela Avenida Presidente Vargas em direção à Avenida Rio Branco. O trânsito no Centro ficou confuso durante toda a hora do almoço. O ministro do Planejamento, José Serra, foi uma das vítimas: estava atrasado para um almoço na Associação Comercial do Rio, nas imediações da Candelária, desceu do carro e andou cerca de dois quarteirões a pé, com o presidente da Associação, Humberto Motta, e dois assessores.

Mais tarde, no Palácio Laranjeiras, ao saber das consequências do protesto, o presidente lamentou que “grupos corporativistas tenham se manifestado no momento em que se estava lançando um ato da maior importância para o país: a campanha pela educação”.

Cobertura: Luciana Conti, Renato Cordeiro, Octacílio Freire, Marcelo Ahmed, Glória Santos, Tereza Lobo e Ticiane Azevedo



Devido à tensão, o PE estava atento mesmo antes do conflito



Nervosos, os soldados da PE não hesitaram em usar seus cassetetes



As latas com gás lacrimogêneo eram chutadas de volta pelos manifestantes, em direção aos soldados



O haterador foi derrubado da moto quando barrava a passagem dos manifestantes na Travessa Tocantins

Quem protestou e por quê

Militantes de 11 entidades sindicais ou partidos políticos participaram das manifestações que acabaram em confronto com policiais do Exército, ontem, no Rio. A seguir, quais são, o que pregam e contra o que protestavam.

CUT-RJ — Reúne 100 sindicatos no estado e tem 1,6 milhão de trabalhadores filiados. O PT é majoritário em sua direção, que divide com o PSTU, o PCB, e o PC do B. Protestou contra a reforma constitucional, como um todo.

Sindicato dos Bancários — É o maior sindicato do estado (65 mil filiados) e o quarto do país. Filiado à CUT, tem como força majoritária a articulação sindical do PT. Protestou contra a reforma como um todo e as intervenções nos bancos estaduais pelo BC.

Sindicato dos Contratados no Estado do Rio — Reuniu o maior número de manifestantes. Protestou contra a demissão de 6 mil guardas sanitários contratados (os *mata-mosquitos*) pela Fundação Nacional de Saúde para o combate a endemias.

Sindicato dos Médicos — Filiado à CUT, tem 20 mil filiados. Protestavam contra a suspensão dos concursos públicos.

Sindicato dos Petroleiros — Tem 17 mil filiados nos municípios de Macaé, Rio e Angra dos Reis. Defendem uma auditoria profunda na Previdência Social e protestavam contra a flexibilização do monopólio do petróleo.

Sindicato dos Previdenciários — Com 80 mil filiados, protestou contra a demissão de 6 mil contratados da Fundação Nacional de Saúde.

Sindicato Metalúrgicos — Reúne 100 mil filiados e é ligado à CUT. Protestou contra a abertura da navegação de cabotagem a empresas estrangeiras.

UNE — Protestou contra a Medida Provisória 932, que autoriza aumento das mensalidades, e pela defesa da escola pública. A direção da UNE, ligada ao PC do B, pretende processar a União por duas balas de borracha (de efeito moral) que teriam atingido o vice-presidente Leandro Cruz.

PSTU — Marxista-trotskyista, é formado por militantes dissidentes do PT e pela Convergência Socialista. Protestou contra o modelo econômico do governo federal, as privatizações e o fim da aposentadoria por tempo de serviço.

PC do B — Protestou contra o que chama de projeto neoliberal do governo. Está representado no Câmara por 10 deputados, dois deles do Rio de Janeiro.

PT — Protestou contra a reforma como um todo e a demissão de trabalhadores da Fundação Nacional de Saúde. Tem 60 mil filiados no estado e preside a maioria dos sindicatos, assim como a CUT-RJ.